

Transição para o trabalho de licenciados em Ciências da Educação pela FPCEUC, com estágio curricular na área de Educação de Adultos¹

**Luís Alcoforado², Carla Sousa, Isabel Moio, Joana Simões,
Raquel Rita & Vânia Carvalho³**

Apresentam-se, neste artigo, os resultados de um estudo sobre a transição para o trabalho dos licenciados em Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, com estágio curricular na área de Educação de Adultos. Dos dados recolhidos, é possível concluir que o estágio é avaliado pelos sujeitos como uma etapa decisiva na definição dos percursos profissionais futuros, assim como é possível intuir que, apesar de se tratar de uma área recente de formação superior, as Ciências da Educação e a Educação de Adultos estão a constituir-se como espaços significativos de construção de profissões relativamente bem estruturadas.

Mas todo o sementeiro
Semeia contra o presente.
Semeia como um vidente
A seara do futuro,
Sem saber se o chão é duro
E lhe recebe a semente.
Miguel Torga

Introdução

O plano de estudos da licenciatura em Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, foi criado pelo despacho nº 10/90, do Reitor da Universidade, publicado no Diário da República,

1 Estudo realizado com o apoio do Centro de Psicopedagogia da Universidade de [FEDER/POCTI-SFA-160-490].

2 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
E-mail: lalcoforado@fpce.uc.pt

3 Licenciadas em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, estagiárias da área de Educação de Adultos, no ano de 2006/2007.

II série, nº 172, de 27 de Julho, afirmando-se no ponto dois, do artigo 3º, que, “para além da parte escolar do curso, os alunos realizarão um estágio destinado a permitir o contacto directo com as actividades específicas do curso, o qual será realizado em instituições públicas ou privadas que prossigam objectivos afins aos do curso”. Um pouco mais à frente, no ponto quatro do mesmo artigo, determinava-se que “o estágio terá a duração de um ano lectivo, só se considerando concluído após a apresentação e discussão do relatório respectivo”. Assim, no ano lectivo de 1994-1995, iniciaram-se os primeiros estágios curriculares, compreendendo as seguintes quatro áreas: Planificação e Inovação Educativa, Educação Especial, Inadaptação Social e Educação de Adultos. Em relação a esta última área, o Guia do Estudante, referente a esse ano lectivo, informava (p. 161) que o estágio deveria “desenvolver-se em instituições responsáveis pela formação de adultos”, tendo como objectivo geral “o contacto directo com a realidade educativa, neste domínio, com vista à aplicação de conhecimentos, desenvolvimento de competências e resolução de problemas do dia-a-dia da formação”.

Dez anos mais tarde, por proposta da Faculdade, o Despacho nº 16 584/2000 (2ª série) do Reitor da Universidade aprovava a reestruturação da licenciatura em Ciências da Educação, mantendo o estágio com a importância e o estatuto que tinham sido previstos, aquando da criação do curso. Na sequência deste despacho, a Faculdade aprovou as Normas Reguladoras dos Estágios em Ciências da Educação, enunciando os seguintes objectivos (Guia do Estudante, 2004-2005, p. 203): “o estágio curricular constitui um momento privilegiado para aprofundar a articulação entre os conhecimentos teóricos adquiridos, a investigação e as práticas”; “o estágio apresenta uma dimensão prática, pré-profissionalizante e tem em vista a inserção no mercado de trabalho”. Nesta conformidade, os estágios que mantinham a possibilidade de serem desenvolvidos em quatro áreas, duas delas diferentes das áreas criadas no lançamento da licenciatura (Educação Especial, Educação de Adultos, Análise e Intervenção em Educação e Formação e Tecnologias Educacionais), envolviam Professores Orientadores, aos quais “é atribuída a responsabilidade da supervisão individual das actividades em cada local de estágio” e o *Orientador no Serviço, ou Instituição*, definido como “o profissional responsável pela supervisão e orientação das actividades do estudante estagiário nessa instituição”.

Integrando uma licenciatura completamente nova em Portugal, esperava-se, assim, que os estágios curriculares pudessem trazer um contributo real para a construção de espaços de profissionalidade, no âmbito da intervenção em Ciências da Educação, constituindo-se, igualmente, como tempos de interacção entre os sistemas

de emprego, trabalho e formação, por forma a abrirem novas oportunidades de (re)construção das identidades sociais e profissionais dos futuros licenciados. No âmbito desta interacção, os estágios deveriam prestar o múltiplo contributo de se constituírem como espaços de aplicação de conhecimentos, de formação em contexto real de trabalho, de investigação e produção de conhecimento, de ajuda na transição para o mercado de trabalho e como fonte de informação de retorno sobre os possíveis espaços de intervenção, ajudando a faculdade a reflectir sobre a organização curricular da licenciatura.

É necessário referir, igualmente, que a Licenciatura surgiu num quadro de grande expansão do ensino superior, justificada, nos discursos políticos oficiais, pela necessidade absoluta de investir no acréscimo da qualificação da população portuguesa, aumentando, por esta via, a competitividade da nossa economia. De igual forma, a licenciatura nasceu num tempo de reorganização dos mercados de emprego ocidentais, marcada pelo deslize semântico de garantia de condições para o acesso a um emprego, para a promoção da *empregabilidade*, entendida como a capacidade individual de cada trabalhador para entrar no mercado de trabalho, mantendo-se nele por forma a satisfazer, com sucesso, as suas aspirações e as suas necessidades profissionais e sociais (Alcoforado, 2000). Ao verem-se impelidas a assumir estas novas finalidades (contribuir para a qualificação e a competitividade da economia e para a *empregabilidade* dos seus futuros licenciados), as Universidades viram incluídas estas dimensões nos critérios de avaliação externa de que passaram a ser alvo, incluindo-as, de imediato, e como seria natural, nos seus próprios processos de autoavaliação. Acresce, ainda, a este novo quadro, o facto de, por força do significativo aumento de diplomados e da dificuldade de transformação dos modelos produtivos em Portugal, o número de desempregados, titulares de um diploma do ensino superior, ter vindo a aumentar de forma muito significativa, nos últimos anos, sendo certo que, apesar disso, permanecem menos tempo nos ficheiros de desemprego e têm acesso a salários consideravelmente mais elevados do que os trabalhadores com níveis de escolaridade mais baixos (INOFOR, 2003)⁴. Na lógica da dinâmica gerada, e por força de uma certa pressão política e social, a expectativa da *empregabilidade* começou a condicionar as lógicas da procura, bem

4 A consulta dos relatórios de actividades do Instituto do Emprego e Formação Profissional (disponíveis em www.iefp.pt), permite-nos concluir que o grupo de trabalhadores portadores de um diploma do ensino superior foi o que mais cresceu, percentualmente, entre 2001 e 2005 (anos de forte aumento do desemprego registado), continuando mesmo a crescer de 2005 para 2006 (mais 1%) quando todos os outros grupos dos diversos níveis de escolaridade já registavam diminuições.

como a própria satisfação dos estudantes ao longo dos seus percursos universitários.

Toda esta problemática começou a motivar várias investigações, por parte de diferentes instituições de ensino superior, levando a que, também no caso da licenciatura em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, se procurasse suporte empírico para uma reflexão sustentada sobre a satisfação das(os) estudantes com a licenciatura (Simões e Rebelo, 1999) e para uma análise cuidada da situação face ao emprego, das(os) licenciadas(os) (Rebelo e Simões, 1999). Destes dois estudos ficava a convicção de que a frequência da licenciatura em Ciências da Educação aparece quase sempre como uma opção não prioritária, regista, principalmente ao longo dos primeiros anos, uma incidência significativa de tentativas de mudança de curso, apresentando, no entanto, uma situação de emprego e de satisfação com o trabalho, por parte dos seus licenciados, que se podiam considerar satisfatórias.

Independentemente dos relatórios de avaliação externa e das expectativas geradas pelos futuros observatórios da *empregabilidade*, que a generalidade das Universidades e Institutos Politécnicos começa a promover, faz ainda mais sentido que se continue o esforço de uma recolha sistemática de informação especializada, procurando compreender os processos de transição para o trabalho, por parte dos licenciados em Ciências da Educação, procurando, nomeadamente, direccionar, um pouco mais, esta análise, em função das áreas de estágio e dos contributos que delas se podem esperar para o desenvolvimento desses processos. É, exactamente, no desejo de contribuir, um pouco mais para a compreensão destas trajectórias, que nos propusemos desenvolver este estudo, atribuindo-lhe os seguintes três objectivos: caracterizar e compreender a transição para o trabalho e os percursos profissionais e de formação, pós-licenciatura; avaliar a satisfação com a actividade profissional e a forma como os licenciados percebem a valorização e prestígio social dessa actividade; avaliar as perspectivas dos licenciados sobre os contributos da licenciatura e do estágio curricular para a sua transição para o trabalho e o seu percurso profissional.

Na organização que escolhemos para a presente exposição, descreveremos primeiro a metodologia utilizada, apresentando, de seguida, os resultados. Concluiremos com a discussão e interpretação dos dados e com a apresentação de algumas conclusões.

1. Metodologia

1.1. Sujeitos

A população deste estudo consiste no total de licenciados em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, que terminaram estágio curricular na área de Educação de Adultos, nos dez primeiros anos de existência desse estágio (de 1995 a 2004). Desta população foi recolhida uma amostra de 29 participantes, da maneira que mais à frente se especificará.

1.2. Instrumentos

Para a recolha de dados elaborou-se um *Questionário sobre a transição para o trabalho dos licenciados em Ciências da Educação, com estágio curricular em Educação de Adultos*, o qual foi construído após uma reflexão conjunta e um esforço de delimitação da informação que pretendíamos obter. Do seu conteúdo fazem parte variáveis sociodemográficas (idade, sexo e estatuto de frequência da licenciatura), questões relativas à transição e à relação com o trabalho, à importância atribuída ao estágio, à própria actividade profissional e aos percursos posteriores de formação pós-graduada e contínua, sendo que a maior parte dos itens era de resposta fechada. Foi, igualmente, elaborado um guião de entrevista, com a finalidade de realizar cinco entrevistas abertas, a cinco licenciados entendidos como casos ilustrativos de diferentes tipos de transições e percursos, após a análise das respostas obtidas com os questionários.

1.3. Procedimento

Em Maio de 2006, fizemos um levantamento dos relatórios de estágio existentes no arquivo do Núcleo de Assistência Psicológica e de Formação de Adultos, procurando os contactos telefónicos disponíveis. A partir daí, iniciámos o processo de realização de telefonemas, solicitando aos ex-licenciados que colaborassem na investigação, respondendo, por esta via, aos questionários. Após as respostas, solicitávamos que nos disponibilizassem contactos telefónicos actualizados, de ex-colegas de estágio, ou de outros ex-estagiários de Educação de Adultos, dos anos em análise, passando nós a incluí-los na amostra. Como tínhamos estabelecido cinco dias úteis para a realização destas entrevistas telefónicas, conseguimos, no fim deste período, reunir 29 questionários respondidos, de forma completa e válida. Procedemos, de imediato, à análise dos dados, tendo seleccionado cinco licenciadas(os) que nos pareceram representativos das diferentes transições e

trajectórias profissionais, telefonando-lhes a solicitar que se disponibilizassem, de novo, agora para responder a uma entrevista aberta, na qual se pretendia, apenas com breves questões orientadoras, que fossem explicitados os seguintes aspectos: os percursos de educação e formação e as opções que os mesmos foram motivando; a transição da Universidade para o trabalho e as transições posteriores entre as diferentes oportunidades e distintos espaços profissionais; a forma como cada um dos entrevistados tem vindo a viver as suas experiências profissionais. Aceite a realização das entrevistas, por parte das(os) licenciadas(os) contactadas(os), elas foram efectuadas presencialmente, ao longo dessa semana, tendo-nos deslocado ao local de trabalho de cada um dos entrevistados, sendo que, estas(es), desempenhavam as seguintes funções: técnica superior de educação numa Câmara Municipal, profissional de reconhecimento e validação de competências (RVCC) num Centro Novas Oportunidades, docente no ensino superior politécnico, técnico de inserção profissional de pessoas com deficiência numa IPSS e professor, com responsabilidades de direcção de um Centro de Formação Contínua de Professores.

2. Resultados

Seguindo, por princípio, a ordem de organização do questionário, passaremos a referir alguns indicadores obtidos, relativos aos aspectos sociodemográficos. Assim, constata-se que, dos vinte e nove respondentes, 6 eram do sexo masculino e 23 do sexo feminino, 22 tinham realizado a licenciatura na condição de estudantes a tempo inteiro e 7 na de trabalhadores estudantes, registando-se que vinte e dois respondentes tinham agora entre 24 e 35 anos, enquanto os outros sete tinham entre 36 e 48 anos. Interessará dizer, por fim, que no grupo de respondentes se incluíam licenciados que tinham realizado o seu estágio em nove anos lectivos diferentes, verificando-se a inexistência de qualquer registo, relativo a estagiários do ano lectivo de 1997/1998.

É importante, também, referir alguns dados sobre a relação dos respondentes com o trabalho, registando, antes de mais que, no momento da entrevista, apenas um declarou não exercer qualquer trabalho remunerado⁵, a tempo inteiro, e que, dos outros 28, todos eram trabalhadores por conta de outrem. Considerando que os respondentes que tinham realizado a sua licenciatura como trabalhadores estudantes, tinham todos mantido a relação laboral anterior, ainda que obtendo, na totalidade dos casos, alterações significativas na sua actividade, por força da conclusão

⁵ Tratava-se do caso de um licenciado que preparava a sua dissertação de Mestrado.

da licenciatura. Deverá ainda mencionar-se que os 22 restantes tinham passado por um ou, no máximo, dois empregos, tendo permanecido, em geral, mais de dois anos, na mesma situação profissional. Ainda entre este último grupo, é importante mencionar que mais de 50% se encontra na situação de prestação de serviços e que mais de dois terços considera, que no acesso ao trabalho prevalece a importância do trabalho desenvolvido ao longo do estágio, ou da rede de contactos construída a partir desse período.

De referir, por fim, que 22 dos sujeitos que responderam aos questionários, afirmam trabalhar em actividades relacionadas com a educação e a formação (incluindo 6 docentes do ensino superior e 11 profissionais RVCC), sendo que os outros 7 referem especificamente que trabalham em actividades mais relacionadas com a gestão organizacional ou de planos, projectos e acções de educação e formação. Cumulativamente, 7 das(os) licenciadas(os), refere estar envolvido em actividades de investigação, sobre temáticas relativas à educação, formação e ao desenvolvimento local.

2.1. Importância do estágio na transição para o trabalho

No quadro 1 resume-se a opinião sobre a importância do estágio para a transição para o mercado de trabalho. Como facilmente se poderá concluir, a percentagem de respondentes que considera o estágio *muitíssimo importante* ou *muito importante* para a sua carreira e o seu sucesso profissional é particularmente elevado, registando-se, por outro lado, a ausência de respostas considerando o estágio *nada importante*. A reforçar estes resultados, deverá levar-se em consideração o facto de 13 dos 22 licenciados que não eram trabalhadores estudantes, terem continuado ligados profissionalmente às instituições onde realizaram o seu estágio.

Quadro 1. Importância do estágio na transição para o trabalho

Muitíssimo Importante	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Nada Importante
59%	28%	10%	3%	-

2.2. Frequência de formação pós-graduada ou contínua

Da análise das respostas aos 29 questionários, conclui-se que 21 sujeitos afirmam que já frequentaram, ou estão a frequentar, actividades de formação pós-graduada ou de formação profissional contínua, relacionada com as necessidades do trabalho.

Considerando apenas este último grupo, apresentam-se no quadro 2 os dados relativos ao tipo de cursos ou acções frequentadas e o número de sujeitos envolvidos, devendo, pela análise dos números, assinalar-se o elevado número de profissionais envolvidos em cursos de Mestrado e Doutoramento.

Quadro 2. Sujeitos que indicam frequentar, ou ter frequentado, formação pós-gaduada ou contínua

Formação Contínua	Pós-graduações	Mestrados	Doutoramentos
6	6	12	6

2.3. Opinião sobre a licenciatura

Numa outra questão, solicitávamos aos sujeitos que emitissem a sua opinião sobre a licenciatura, utilizando uma escala tipo Likert, de cinco pontos⁶, em quatro parâmetros diferentes. Da análise do quadro, pode concluir-se que os sujeitos expressam uma opinião globalmente positiva sobre todos os critérios considerados, reunindo as opiniões sobre o currículo resultados mais comedidos, enquanto as opiniões sobre os professores apareciam expressas através de avaliações mais elevadas.

Quadro 3. Opinião sobre a licenciatura

Critérios	Média*
Currículo	3.4
Instituição	3.7
Carga horária	3.8
Professores	3.8

Na escala utilizada, os cinco níveis à disposição dos sujeitos para assinalarem as respostas que melhor traduziam a sua opinião sobre os diversos itens, iam de um mínimo de 1 (traduzindo um juízo correspondente a *Muito Má*) até um máximo de 5 (*Muito Boa*), passando por 2 (*Má*), 3 (*Razoável*) e 4 (*Boa*).

2.4. Causas para o sucesso do estágio

Procurávamos saber, de seguida, a relevância que os sujeitos atribuíam a alguns factores para o sucesso dos seus estágios curriculares. Analisando o quadro 4, facilmente se concluirá pela coexistência simultânea de um conjunto de causas

6 Uma escala deste tipo é também usada nas duas questões seguintes, apresentando-se, nos quadros respectivos, a média dos pontos assinalados pelos respondentes.

consideradas entre muito relevantes e fundamentais, assinalando-se a percepção dos licenciados de que a interacção da faculdade com a instituição de acolhimento, ao longo do estágio, foi o factor avaliado como o que poderia necessitar um pouco mais de atenção.

Quadro 4. Relevância de alguns factores para o sucesso do estágio

Factores	Média*
Interacção Faculdade/Instituição	3.7
Orientador Faculdade	4.2
Instituição de estágio	4.4
Orientador local	4.5
Área de estágio	4.6

A escala utilizada nesta questão compreendia cinco níveis, começando no 1 (para uma opinião que traduzia uma ideia de contributo Irrelevante), continuando no 2 (*Pouco Relevante*), 3 (*Relevante*) e 4 (*Muito Relevante*), terminando no 5 (*Fundamental*).

2.5. Satisfação profissional

Uma nova questão procurava indagar sobre a satisfação profissional dos sujeitos, até ao momento. Da análise do quadro 5 podemos intuir que os licenciados se sentem satisfeitos na generalidade dos critérios considerados, com particular realce para a especial satisfação que experimentam pela área de trabalho em que estão envolvidos.

Quadro 5. Satisfação profissional

Crítérios	Média*
Remuneração	4.0
Horário de trabalho	4.2
Instituição/empresa	4.3
Envolvimento com o projecto/actividade	4.6
Área de trabalho	4.8

A escala utilizada procurava traduzir as opiniões de *Muito Insatisfeito* (nível 1), *Insatisfeito* (2), *Indiferente* (3), *Satisfeito* (4) e *Muito Satisfeito* (5).

2.6. Valorização social do trabalho desenvolvido

Numa última questão, procurávamos saber qual a opinião dos sujeitos sobre a valorização social que é feita do trabalho que actualmente desenvolvem, resumindo-se no quadro 6 as percentagens das opiniões recolhidas. Da observação deste quadro fica-nos a convicção de que os sujeitos consideram, maioritariamente, que a sua actividade profissional tem uma valorização social bem acima de um nível considerado como razoável.

Quadro 6. Valorização social do trabalho, na perspectiva dos sujeitos

Muito Boa	Boa	Razoável	Má	Muito Má
22 %	52 %	14 %	10 %	3 %

Terminada a apresentação dos resultados referentes ao Questionário sobre a transição para o trabalho dos licenciados em Ciências da Educação, com estágio curricular em Educação de Adultos, completa-se também a análise dos dados relativos à parte quantitativa do presente estudo, apresentando-se, de seguida, uma súmula da informação recolhida, relativa às entrevistas efectuadas.

2.7. Percursos educativos e profissionais

Como já afirmámos, foi nossa intenção estudar, em pormenor, cinco casos representativos de transições e de trajectórias profissionais típicas, procurando compreender o seu desenvolvimento e a forma como os sujeitos os vivenciaram. Não é este o espaço mais adequado para fazer uma análise de conteúdo, a partir da informação resultante das entrevistas abertas. No entanto, a partir da sua leitura, é possível identificar um conjunto de cinco ideias principais, enunciadas pelos entrevistados, que vale a pena registar e comentar, ainda que sinopticamente.

A primeira percepção que nos fica é a de que, com excepção natural do sujeito que já era professor quando optou pela frequência da licenciatura, é que esta surgiu, no mínimo, como uma terceira escolha, aquando do momento da candidatura de acesso ao ensino superior. Os casos dos sujeitos que frequentaram a *área de científico-naturais*, ao longo do ensino secundário, fizeram-no com a intenção de uma opção futura pela Medicina, vendo-se obrigados a alterá-la para a Psicologia, já no final e, por terem acrescentado as Ciências da Educação às suas hipóteses de candidatura, acabaram, sem que tivesse constituído uma decisão premeditada e informada, a frequentar esta licenciatura. Os que, por outro lado, seguiram a *área das ciências sociais e humanas*, acabaram por se interessar pela Psicologia, em determinada fase avançada do ensino secundário, decidindo-se por uma candidatura a

esta licenciatura, acrescentado outras, que consideravam limítrofes, entre as quais, na sua leitura de então, se situavam as Ciências da Educação. Uma ideia que os motivava a todos, era a expectativa, que consideravam de probabilidade elevada, de poderem trocar de licenciatura, de Ciências da Educação para Psicologia, num futuro próximo.

A segunda questão referida por todas(os), relaciona-se com a importância atribuída ao primeiro ano, para uma identificação com a área de estudo e com as finalidades da licenciatura. Se é verdade que dois sujeitos ainda tentaram a mudança de licenciatura, no final do primeiro ano, também é verdade que afirmam terem assumido o novo percurso académico, já não como uma fatalidade, mas como uma área de formação que passaram a abraçar com vontade esclarecida e com emoção, envolvendo-se, nalguns casos, na sua promoção e na defesa das suas identidade e especificidade de intervenção.

A terceira ideia, veiculada pelos cinco entrevistados, é a de que a área de estágio foi muito bem planeada em resultado, primeiro, do interesse pelos conteúdos das diversas disciplinas que foram sendo frequentadas e, em segundo lugar, de uma análise cuidada das oportunidades e das áreas de intervenção possíveis.

Um quarto entendimento comum relaciona-se com a recordação muito positiva que todos partilham, da frequência da licenciatura. Apesar de alguns reparos à organização e às opções do currículo, a lembrança que guardam do curso, do ambiente da Faculdade e da interacção com os colegas e professores, é considerada como tendo uma influência decisiva, quer no sucesso académico, quer também nos êxitos profissionais que consideram já ir somando.

Uma última ilação que pode ser retirada, a partir das entrevistas, é a do contributo real das Ciências da Educação e do domínio da Educação de Adultos para a construção de áreas de intervenção bem determinadas, constituindo-se como percursos educativos potenciadores da construção de identidades profissionais e sociais bem definidas. Mesmo no caso do professor, o estágio surgiu do interesse pelos problemas de gestão da formação, desempenhando, aquando do momento da entrevista, as funções de coordenador de formação, de um centro de formação contínua de professores. Nos outros casos, todos mantinham uma ligação predominante aos quadros teóricos das Ciências da Educação e da Educação de Adultos, quer seja através da docência ligada a esta área, quer das actividades de intervenção/mediação destinadas a públicos adultos, quer, ainda, no âmbito do desenvolvimento de actividades técnicas numa Câmara Municipal, onde, não só se

procura, nos modelos e nas práticas da Educação de Adultos, uma referência para as diversas necessidades de intervenção, como também se insiste na procura de envolvimento de todos os públicos, em todas as idades, nas diferentes actividades educativas. Em resumo, todos consideram desempenhar actividades profissionais específicas das Ciências da Educação com uma participação significativa, ou até exclusiva, dos quadros teóricos e das práticas da Educação de Adultos.

3. Discussão e Conclusões

Uma primeira ideia que resulta relativamente clara da análise dos resultados apresentados, é a de que as Ciências da Educação, em geral, e a área de Educação de Adultos, em particular, se vêm constituindo como geradoras de espaços de intervenção e de construção de profissionalidade, avaliadas pelas(os) licenciadas(os) de uma forma muito positiva, levando-os a considerarem-se, de uma maneira mais específica, muito satisfeitas(os) com o envolvimento pessoal nas actividades que desenvolvem e com a área de trabalho a que estão ligadas(os). Merece particular realce o facto de, praticamente, todos os sujeitos da amostra desenvolverem actividades relacionadas com a educação e, em particular, com actividades educativas destinadas a pessoas adultas. Se é verdade que, nos últimos cinco anos, se assistiu a um reforço e diversificação da oferta de educação e formação para públicos adultos, em Portugal, é importante registar que as(os) licenciadas(os) souberam responder ao aumento da necessidade de especialistas, resultante deste incremento quantitativo, preparando-se para desempenhar vários dos papéis profissionais daqui resultantes. De sublinhar ainda, no que à relação com o trabalho diz respeito, que esta área de formação parece constituir, neste momento, uma relativa forma de vantagem em relação a outras licenciaturas. Na verdade, numa conjuntura pouco favorável para a inserção socioprofissional de licenciadas(os), no caso específico dos sujeitos da nossa amostra, eles revelam tempos curtos de acesso a situações de trabalho e, talvez mais importante, níveis razoáveis de mobilidade. De menos positivo, poderá registar-se, como aliás vem acontecendo na generalidade dos novos empregos, uma situação laboral em regime de prestação de serviços, por parte da grande maioria de licenciadas(os).

Um segundo aspecto que parece ressaltar dos dados disponíveis, relaciona-se com o contributo que o estágio curricular na área de Educação de Adultos dá, para esta situação de aparente sucesso. Não só uma elevada percentagem de sujeitos considera o estágio de enorme relevância para a sua formação pessoal, como igualmente lhe atribui responsabilidades directas e indirectas (ao permitir a construção de uma rede significativa de contactos) na definição e desenvolvimento dos percursos pro-

fissionais subsequentes. Entre os factores considerados como concorrendo para esta apreciação mais positiva, encontram-se a área de estágio e a instituição de acolhimento, enquanto a interacção desta com a faculdade aparece como o aspecto que, embora avaliado de uma forma positiva, deverá merecer uma atenção mais cuidada.

Uma terceira reflexão que os resultados obtidos nos permitem fazer, relaciona-se com a avaliação positiva, ainda que um pouco mais contida, que os sujeitos fazem da componente curricular da licenciatura em Ciências da Educação. Das opiniões recolhidas, parece-nos legítimo concluir que o curso funciona como um tempo de identificação com a área científica, de construção, bem informada e reflectida, de projectos pessoais e profissionais de vida e de sedimentação de um espaço de configuração de identidades académicas e profissionais, bem suportadas pelo percurso educativo e pelo estágio curricular, enquanto interface Universidade/mundo do trabalho. Ainda no que respeita à licenciatura, interessará realçar a opinião mais moderada expressa em relação ao currículo. Mesmo se, como dissemos, este estudo inclui sujeitos que frequentaram duas organizações curriculares diferentes, continua a persistir a sua impressão de que este aspecto é um pouco menos positivo, quando comparado com a instituição e a qualidade da interacção desenvolvida com as(os) professoras(es) e as(os) colegas. Será, ainda, importante sublinhar o número expressivo de licenciadas(os) que se envolveram em formação contínua e, particularmente, pós-graduada, registando-se um número nada despidendo de dissertações de mestrado já apresentadas.

Em resumo, e ainda que atendendo às limitações deste estudo, a licenciatura em Ciências da Educação e o estágio curricular na área da Educação de Adultos parecem estar a contribuir significativamente para uma formação adequada das(os) licenciadas(os), mormente no aspecto da transição para o trabalho. Ainda que em tempos de particular dificuldade, no que à inserção socioprofissional de diplomadas(os) do ensino superior diz respeito, os sujeitos da nossa amostra parecem ter sido ajudados a construir, com a frequência do curso, os recursos necessários para uma navegação profissional que avaliam como perfeitamente satisfatória. Se é verdade que as dificuldades são de monta, muito mais para uma área profissional em construção, alvitramos que cada um(a) das(os) licenciadas(os) se possa sentir numa situação simultânea de esforço recompensado e de esperança no futuro, assumindo as palavras de Miguel Torga:

Até onde podia, caminhei.
Vi a lama da terra que pisei
E cobri-a de versos e de espanto.

Bibliografia

- Alcoforado, L. (2000). *Educação de Adultos e Trabalho. Dissertação de Mestrado*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- FPCEUC. (1994). *Guia do estudante*. Coimbra: FPCEUC.
- FPCEUC. (2004). *Guia do estudante*. Coimbra: FPCEUC
- INOFOR. (2003). *Tendências Europeias no Desenvolvimento das Profissões e das Qualificações*. Lisboa: INOFOR.
- Rebelo, J. A. S. & Simões A. (1999). A situação de emprego dos licenciados em Ciências da Educação. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXXIII, nº 2, 183-197.
- Simões, A. & Rebelo, J. A. S. (1999). A mudança de curso, entre os alunos de Ciências da Educação: dimensões e razões do fenómeno. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXXIII, nº2, 159-181.

Résumé

Le but de cet article est l'apresentation d'un étude sur la transition pour le travail des licenciés en Sciences de l'Éducation, de la Faculté de Psychologie et de Sciences de l'Éducation, de l'Université de Coimbra, avec un stage dans le domaine de l'Éducation des Adultes. A partir des donnés recueillis, on peut conclure que le stage est évalué par les sujets comme une étape très importante pour la définition des ses parcours professionnels, autant que on peut déduire que, malgré que les Sciences de l'Éducation et l'Éducation des Adultes, sont des domaines de formation universitaire recentes, en Portugal, ils se établissent maintenant comme des espaces ou se peut develloper des identités professionnelles bien déterminées.

Abstract

This article aims to present the main results of a study about the transition to work of the students with a graduation in Educational Sciences from the Faculty of Psychology and Educational Sciences of the University of Coimbra, with a curricular training experience in the area of Adult Educational and Training. Concerning the data it is possible to conclude that all the participants have evaluated this period as a crucial moment in the definition of their future professional trajectories. Despite its recent history as an area of training at the high education level, it is also possible to conclude that the Educational Sciences are being seen as excellent opportunities to build and preserve very well structured career trajectories in the professional world.